

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ- SETOR LITORAL
MARIA BERNADETE GONÇALVES GOMES

**EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: PERSPECTIVAS DE
PERMANÊNCIA DOS JOVENS NO CAMPO**

MATINHOS

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ- SETOR LITORAL
MARIA BERNADETE GONÇALVES GOMES

**EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: PERSPECTIVAS DE
PERMANÊNCIA DOS JOVENS NO CAMPO**

Artigo apresentado como requisito para a obtenção de certificado do curso de Especialização em Educação do Campo, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.
Orientador: Elisiani Vitória Tiepolo

MATINHOS

2014

EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: PERSPECTIVAS DE PERMANÊNCIA DOS JOVENS NO CAMPO

Maria Bernadete Gonçalves Gomes

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar como a educação do campo, através de metodologias diferenciadas, voltadas para a população camponês, pode dar condições para que os jovens permaneçam no campo, tendo conhecimento de práticas sustentáveis de desenvolvimento econômico, social e ambiental.

A história recente tem nos mostrado um cenário desolador no tocante a sobrevivência do homem no campo, principalmente do jovem camponês que tem deixado o espaço rural devido a falta de perspectivas de crescimento socioeconômico, isto tem provocado um grande êxodo rural e tem alterado a estrutura da população rural. Diante deste cenário é evidente a necessidade de repensar a educação para uma população do campo visando a valorização do camponês, do seu trabalho e a busca coletiva de soluções para os problemas sociais comuns justificam este trabalho, assim perceberão a importância do meio onde vivem, a riqueza da biodiversidade e a qualidade de vida que podem desfrutar. Mostram-se aqui os resultados obtidos através de um projeto que buscou uma reflexão e lançou um novo olhar para as possibilidades de desenvolvimento de comunidade rural, que como tantas outras convive com problemas socioeconômicos, mas tem um grande potencial para a sustentabilidade.

Palavras-Chave: Educação do Campo; Economia Rural; Jovem Camponês; Empreendedorismo;

1. INTRODUÇÃO

Faz-se necessário uma reflexão acerca dos problemas identificados através de um estudo sistematizado da história dos movimentos sociais do campo, bem como da análise da atual conjuntura política, econômica, social e ambiental. É fundamental entendermos como as políticas públicas têm sido concebidas e assimiladas pelas populações camponêsas. Num primeiro momento devemos buscar explicações e compreender as razões do desencantamento do homem do campo e a constante migração rumo à cidade o que tem reduzido drasticamente a densidade demográfica no campo, mostrar como a educação é a peça fundamental na construção de uma nova visão de mundo, de possibilidades e de sonhos.

“(...) As relações e o modo de trabalho inferem na composição familiar das pessoas que vivem no campo, onde as condições de trabalho e renda nem sempre são atrativas para determinadas classes etárias, outrossim não são atrativas para pessoas de todas as idades.” (XLIV CONGRESSO DA SOBER)

A educação, por muitos séculos, vem servindo aos interesses das classes dominantes. Entre estes estão o de fazer com que as coisas permaneçam favorecendo apenas estas classes. Dessa forma, a educação não emancipa o indivíduo e sim o aliena. Esta alienação se torna mais contundente quando se trata da educação do campo, que apesar de todas as políticas voltadas para esta modalidade de ensino, na prática não tem conseguido efetivar uma educação para o campo.

Como professora vivencio situações em que nos deparamos com metodologias ou objetivos impostos como fundamentais que não fazem sentido dentro da realidade em que atuamos. Infelizmente, apesar dos movimentos por uma educação mais democrática e libertadora, chegamos ao século XXI assistindo a reprodução de métodos e comportamentos antiquado e discriminatório, pois até há pouco tempo se pensou em educação do campo, entendida como levar educação para a população do campo, não se pensou em uma educação para o campo partindo dos interesses dessa população, não se pensou em dar a estas pessoas condições materiais e imateriais para transformar o campo num espaço de qualidade de vida que ultrapasse o conceito de subsistência.

O camponês de hoje não tem nada a ver com os estereótipos criados do caipira, mesmo os mais pobres estão cercados das novas tecnologias. O que se percebe é uma negação da própria identidade, pois por séculos pensou-se nesses indivíduos como analfabetos, sujos, maltrapilhos e dignos apenas de piedade e risos. Talvez numa tentativa de autoafirmação, o jovem camponês tem mostrado seu lado rebelde, a sua cultura tem sofrido uma espécie de sincretismo com a cultura da periferia urbana. Como transformar esta atitude rebelde em ações revolucionárias que tenham como objetivo um progresso pessoal e coletivo? É preciso ouvir e emancipar os grupos sociais que habitam o espaço rural. A contribuição de FERNANDES, na elaboração do caderno temático para a educação do campo (SEED 2008), nos chama atenção para a condição em que o camponês

foi, por muito tempo, percebido pela sociedade capitalista e nos estimula a lutar para reverter tal situação:

“O camponês é um sujeito historicamente subalterno. Existe e tem sua perspectiva no espaço de subordinação permitido pelo capital. Isso não significa aceitar essa condição e considerá-la natural. Isso também pode significar a luta contra esse estado permanente de exploração, expropriação, destruição e recriação.”

Penso que é o papel de todo educador romper com as antigas políticas que diziam que para o homem do campo era necessário apenas um conhecimento básico, considerando desnecessário o aprofundamento nos estudos, afirmando que não seria útil a ele o desenvolvimento intelectual, tais políticas visavam manter uma elite privilegiada que assim garantia a permanência do domínio dos grandes proprietários e do grande capital e a submissão de uma grande massa que sempre assistiu tudo "bestializada".

“A Educação do Campo assume sua particularidade, que é o vínculo com sujeitos sociais concretos, mas sem se desligar da universalidade: antes (durante e depois) de tudo ela é educação, formação de seres humanos. Ou seja, a Educação do Campo faz o diálogo com a teoria pedagógica desde a realidade particular dos camponeses, ou mais amplamente da classe trabalhadora do campo, e de suas lutas.” (CALDART, 2005, p.18).

Cabe às escolas do campo buscar junto à comunidade maneiras sustentáveis de desenvolvimento que possam dar condições do jovem camponês permanecer no espaço de origem. Infelizmente hoje o que se vê no espaço rural são a degradação e *urbanização* desordenada. Afirma Casali:

“Cabe à educação do campo se afirmar como um instrumento de não ver o campo somente como um território geográfico, como um espaço físico, mas, acima de tudo, como território humano, cultural, onde se cultiva valores, gente que pensa a partir de sua realidade, de seus sentimentos. Um campo feito de agronegócio, de máquinas pesadas, de fanfarras, sem diversidades, cheio de produtos sem cheiro do mato, de calor humano, sem feição de roça, é um campo morto.” (CASALI, 2008, p.149)

Partindo da reflexão feita por Casali evidencia-se a necessidade da educação do campo promover a sustentabilidade através de projetos que possam ser desenvolvidos junto a comunidade com o intuito de promover a valorização e a

gestão eficiente deste rico espaço que vem sendo devastado pelo grande capital, expulsando os jovens e sua família de seu território sagrado.

Mas o que é desenvolvimento sustentável? O desenvolvimento sustentável é definido como por TORRES como “aquele que atende às necessidades presentes sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades.” Desse pressuposto podemos concluir que a sustentabilidade perpassa a necessidade de manejo adequado dos recursos naturais disponíveis e a necessidade de se criar uma rede de proteção em torno desses recursos.

Por conhecer os problemas enfrentados pela população do campo, por ter vivido grande parte da minha infância e adolescência no campo e hoje ser professora numa escola do campo, conheço bem as dificuldades e anseios dessa população que se encontra encurralada pelo grande capital sem ter perspectivas de desenvolvimento senão na cidade, isto tem provocado alterações em ambos espaços.

A situação vivenciada no campo, principalmente pelo pequeno agricultor ou pelos trabalhadores assalariados não tem sido atrativa. Cabe então à educação, juntamente com outros órgãos instruir os jovens para a busca de soluções viáveis e ambientalmente corretas. Propostas de desenvolvimento sustentável e empreendedorismo devem ser efetivadas junto às comunidades rurais.

2. METODOLOGIA

Esse estudo teve como objetivo compreender as razões do desencantamento do homem do campo e a constante migração rumo à cidade o que tem reduzido drasticamente a densidade demográfica no campo.

O trabalho foi desenvolvido junto a uma comunidade do distrito do Sapé, município de Tomazina no norte do Paraná. Trata-se de uma comunidade distante da sede do município em aproximadamente 35km, com uma história bastante antiga, mas que apresenta sérios problemas sociais e uma população que está perdendo sua identidade.

Pode-se observar que o bairro tem grande potencial de desenvolvimento, com quadras urbanizadas habitadas por famílias de posses, mas rodeadas por outras que vivem em situação precária. O que se percebe é um descaso por parte das autoridades e da própria comunidade que parece não enxergar tal situação. As novas tecnologias de comunicação estão presentes em quase todas as famílias, mas são usadas de forma inadequada, os valores estão sendo esquecidos assim como a cultura sertaneja. Diante desse quadro a escola tem se tornado uma das poucas instituições que mantém um contato direto com as famílias e tem tentado reverter tal situação.

Diante do exposto, fica clara a necessidade de a escola empreender ações mais eficazes a fim de dar aos jovens uma formação capaz de emancipá-los para atitudes cidadãs, torná-los aptos a construir uma nova realidade na qual eles possam encontrar novas oportunidades de desenvolvimento sem precisar deixar o bairro, implementando atividades que resultem em um desenvolvimento sustentável que possa lhes garantir-lhes uma vida digna.

A ideia do projeto nasceu quando comecei a lecionar no bairro e percebi que a ideia de ir embora após terminar o Ensino Médio era recorrente entre os alunos. Quando iniciei a pós-graduação em Educação do Campo, lendo os textos de apoio e refletindo melhor sobre as políticas para esta modalidade, conclui que na prática pouco se faz pelos habitantes do campo no que se refere a qualidade de vida destas pessoas.

Neste sentido promovi a implantação de um projeto prático envolvendo primeiramente os alunos, em seguida a comunidade em geral, portanto, a metodologia aplicada foi da pesquisa-ação.

O resgate da história local foi um dos trabalhos realizados pelos alunos. Toda comunidade tem uma história construída pelos sujeitos que nela atuaram e atuam, através de entrevistas os alunos conheceram algumas raízes de sua atual realidade. Através de fotografias tiradas pelos alunos, eles identificaram os problemas e potencialidades do bairro, as imagens foram apresentadas a comunidade que parecia estar vendo uma paisagem desconhecida, o semblante foi de quem via, mas não enxergava, foi um misto de orgulho e de vergonha.

As frustrações e anseios que promovem o êxodo rural, principalmente pelos jovens em idade de trabalho, foi tema de debate com as turmas do 9º ano ao EM, que expuseram suas dificuldades e sonhos, apresentaram sugestões de atividades econômicas que dispensam grandes investimentos e espaço físico, que possam ser empreendidas na comunidade a fim de gerar renda e emancipação financeira para as famílias rurais. Entre as soluções propostas pelos alunos estão a instalação de fábricas de costura, estufas de flores e hortaliças, cooperativa de artesanato e promoção do turismo rural. O que se percebeu é que poucos falaram na produção de alimentos (cereais, grãos), o que mostra que o trabalho na roça não atrai nem os moradores mais antigos. Uma explicação para isto está na mecanização do campo, como explicou um morador: “ninguém quer mais pegar na enxada, no arado... o trator faz tudo quase.” Um aluno questionou: “Professora, você já viu alguém que trabalha na roça ficar rico? A terra não dá nada mais não”.

Numa tentativa de reverter a imagem negativa que o agricultor faz de si mesmo e de seu trabalho levantou-se a questão da agroecologia que depois foi discutida principalmente com alunos do Ensino Médio.

“A agroecologia, mais que uma transformação técnica se constitui numa proposta de transformação política. Contudo, estas duas dimensões estão intrinsecamente interligadas, pois é exatamente a partir destes processos locais de inovação agroecológica que se vem construindo novos referenciais técnicos, metodológicos e conceituais que, pouco a pouco, vêm sendo traduzidos em proposições de políticas públicas e em força social transformadora.” (LUZZI, 2007).

Esta discussão fez-se necessária, pois a comunidade está cercada pela monocultura de soja, e o café que antes era a principal fonte de renda, hoje está desaparecendo. A preocupação daqueles que resistem é de como sobreviver num ambiente poluído pelo agrotóxico e outros defensivos. Através desse pensamento, pude justificar a necessidade de soluções sustentáveis econômica e ambientais a fim de garantir a uma padrão de vida saudável para as populações do campo.

Foi feito um estudo teórico e a seleções da bibliografia sobre o tema proposto e encontrados alguns materiais interessantes. No entanto, concluí, que meu projeto tinha como foco uma comunidade que vive uma situação distinta das descritas em outros trabalhos, e apenas poucos materiais que me forneceram um embasamento teórico para o projeto.

Fiz uma reunião informal com os professores e a equipe da escola na qual apresentei meu projeto e partir daí alguns professores contribuíram com matérias e sugestões de sites e me ajudaram nas atividades com os alunos.

Apresentei o projeto para os alunos (do 9º e do EM), pedi que refletissem sobre a temática sobre o problema apresentado, expus os objetivos do trabalho. Marcamos um debate cujo tema foi a falta de perspectivas de permanência do jovem no campo e as razões da migração para a cidade. Nesta ocasião surgiram várias ideias que posteriormente poderão ser colocadas em prática, mas dependerá de um trabalho que ultrapassa minhas possibilidades, no entanto, me dispus a ajudá-los e orientá-los.

Com os alunos do 9º ano do EF fiz um passeio pelo bairro cujo objetivo era fotografar e identificar as potencialidades e dificuldades do espaço onde vivem. Foi um trabalho muito gratificante para mim e para os alunos. Os alunos realizaram algumas entrevistas com as pessoas mais velhas do bairro com o intuito de conhecer a história e compreender como uma região próspera se tornou apenas um bairro rural com sérios problemas urbanos.

Houve uma palestra para a comunidade sobre as possibilidades de desenvolvimento econômico, social e ambiental sustentável no campo: projetos de economia familiar e de cooperativas agradaram a todos. Neste momento foram apresentados os trabalhos realizados pelos alunos e feita a leitura de algumas redações produzidas por eles nas quais fica claro o desânimo em relação à conjuntura atual mas também o amor que têm pelo lugar onde vivem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A comunidade na qual trabalho apresenta aspectos bastante contraditórios, é rural com características urbanas, mas praticamente toda a população sobrevive das atividades do setor primário. As pessoas estão desiludidas com a realidade e os problemas sociais são inúmeros: desemprego, drogas, saneamento, saúde, gravidez na adolescência, enfim a conjuntura atual é preocupante.

Como professora de História busquei trabalhar dentro da minha disciplina as questões pertinentes ao meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), portanto, todo o projeto nasceu de discussões de sala de aula. Como trabalhei com adolescentes, a maioria, rebeldes, enfrentei certa resistência no início, mas aos poucos fui descobrindo as potencialidades individuais, abrindo espaço para que cada um pudesse expor seus pontos de vista durante as aulas, a partir daí sugeri os trabalhos e os resultados, apesar dos percalços, foram satisfatórios.

Para ilustrar o êxito do trabalho realizado citarei um exemplo:

Uma das minhas alunas disse que faria um curso de Técnico Agrícola para poder ter um emprego digno, um retorno financeiro sem precisar deixar as suas raízes caipira. Ela conseguiu entrar num pós-médio de Técnico Agrícola e tem inspirado outros jovens que tem demonstrado grande interesse em permanecer no campo e em mudar a realidade.

Posso não ter conseguido mudar as coisas, mas, com certeza, plantei uma sementinha de esperança de que é possível viver bem no campo, de que eles podem otimizar suas práticas sem agredir o meio ambiente.

4. REFERÊNCIAS

CALDART, R. S. Por uma Educação do Campo. Ed 2ª. Brasília, 2005.

CALDART, Roseli Salete. **Elementos para construção do Projeto Político Pedagógico da Escola**. In: Mônica Castanha Molina; Sonia Meire Santos Azevedo de Jesus (orgs). Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo. Brasília, DF: 2005.

CASALI, Derli. In: FOERSTE, E.; SCHÜTZ-FOERSTE, G. M.; DUARTE, L. M. S. (Org.). **Por uma educação do campo – Caderno 6**. Vitória: PPGE\PRONERA, 2008, p. 142 – 154.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JUNIOR, V. J. W.; ROTH, J. D.; MATTOS, V. M.M. de; FERREIRA, A. M. R. M.; TRENTIN, I. C. L.; **Os novos arranjos do exôdo rural: a evasão temporária**

de Jovens agricultores familiares gaúchos. In *XLIV CONGRESSO DA SOBER: “Questões Agrárias, Educação no Campo e Desenvolvimento”* UERGS SÃO LUIZ GONZAGA RS.

LUZZI, N. **O debate agroecológico no Brasil: uma construção a partir de diferentes atores sociais.** UFRRJ/Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. 2007.

SEED-PR **Caderno Temáticos da Educação do Campo.** *Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná. Curitiba;*, 2005

TORRES, Patrícia Lupion,Org. **Alguns fios para entender o pensar e o agir.** Curitiba: SENAR-PR, 2007.

http://w3.ufsm.br/gpet/engrup/ivengrup/pdf/losekann_e_wizniewsky.pdf

http://www.sertao.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/2013311105741464artigo_agroecologia,_desenvolvimento_rural_sustentavel_e_educacao_ambiental_na_escola_do_campo.pdf

<http://www.educacaonosemiarido.xpg.com.br/Educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20campo%20e%20desenvolvimento%20sustent%C3%A1vel.pdf>

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/diretriz_edcampo.pdf